

A L I Ç Ã O

Drama cômico de EUGÈNE IONESCO
Tradução de BELONI HECKER.

PERSONAGENS:

O professor, 50 a 60 anos.
A jovem aluna, 18 anos.
A governanta, 45 a 50 anos.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENÁRIO:

O gabinete de trabalho, que serve também de sala de jantar ao velho professor. À esquerda da cena, uma porta que dá para as escadarias da casa; ao fundo, à direita da cena, uma outra porta que conduz a um corredor do apartamento.

Ao fundo, um pouco a esquerda, uma janela não muito grande com cortinas simples; no parapeito exterior da janela vasos com flores comuns.

Deve-se perceber ao longe, casas baixas de telhados vermelhos; a cidadezinha. O céu é de um azul acizentado. À direita, um guarda-louça rústico. A mesa serve também de escrivanhina: encontra-se no meio da peça. Três cadeiras em redor da mesa, duas outras nos dois lados da janela, tapeçaria clara, algumas estantes com livros.

Ao abrir-se o pano, o palco está vazio e assim ficará durante bastante tempo. Depois escuta-se a campainha da porta de entrada. Ouve-se a:

VOZ DA GOVERNANTA (nos bastidores) - Sim. Em seguida. (precedendo ela mesma que aparece depois de ter desido correndo os degraus. É robusta, tem de 45 a 50 anos; faces coradas, touca de camponeza. Entra como um pé de vento, faz bater atrás dela a porta direita, enxuga as mãos no avental, dirigindo-se apressada à porta da esquerda, enquanto escuta-se um segundo toque de campainha.)

GOVERNANTA - Paciência. Já vou. (abre a porta. Aparece a jovem aluna de 18 anos. Avental cinzento, golinha branca, pasta debaixo do braço). Bom dia, senhorita.

ALUNA - Bom dia, senhora. O professor está em casa?

GOVERNANTA - É para a lição?

ALUNA - Sim, senhora.

GOVERNANTA - O professor estava a sua espera. Sente-se um pouco, vou avisá-lo.

ALUNA - Obrigada, senhora. (senta-se perto da mesa, de frente para o público; a sua esquerda está a porta de entrada; a aluna está de costas para a outra porta, pela qual, sempre apressada, sai a

a governanta que chama:

GOVERNANTA-Senhor, faça o favor de descer.Sua aluna já chegou.

VOZ DO PROFESSOR--(de preferência fina)-Obrigado.Desço...em dois minutos...

(A governanta saiu; a aluna senta-se sobre as pernas, põe a pasta em cima dos joelhos e espera gentilmente;lança um ou dois rápidos olhares pela peça,sobre os móveis e o teto também;depois tira da pasta um caderno que folheia, detendo-se mais tempo sobre uma página como para estudar a lição,dar ainda uma olhada em seus deveres.Tem o aspecto duma jovem polida, bem educada mas cheia de vivacidade,alegre e dinâmica;um sorriso fresco sobre os lábios; no curso do drama que vai se representar ela diminuirá progressivamente o ritmo vivo de seus movimentos, de seu comportamento, deverá se encolher;de alegre e sorridente se tornará pouco a pouco triste e morosa;muito viva no começo, ficará progressivamente mais fatigada e sonolenta.No final do drama seu rosto deverá exprimir nitidamente uma depressão nervosa, sua maneira de falar se ressentirá.A língua ficará pastosa,as palavras virão lembradas dificilmente e sairão também com dificuldade da boca.A moça terá o ar vagamente paralizado, um começo de afonia, espontânea no começo a ponto de parecer quase agressiva,far-se-á mais e mais passiva, até não ser mais que um objeto mole e inerte, parecendo inanimada entre as mãos do professor; tanto que, quando este realizar o gesto final ela não reagirá mais; insensibilizada, não terá mais reflexos, somente os olhos no rosto imóvel exprimirão espanto e medo indizíveis.Naturalmente, a passagem dum comportamento a outro deverá fazer-se de modo insensível.).

(O professor entra.É um velho baixo de cavanhaque branco,está dev lunetas,barrête preto, veste uma longa blusa preta de mestre-escola, calças e sapatos pretos, colarinho postiço branco,grava ta preta. Excessivamente polido,bastante tímido,voz ensurdecida pela timidez muito correto ,muito professor.Esfrega as mãos todo o tempo;de vez em quando passa-lhe um clarão lubrício pelos olhos, logo reprimido. No correr do drama, sua timidez desaparecerá progressiva e insensivelmente, os clarões lubrícios de seus olhos,terminarão por se transformarem numa chama devoradora,ininterrupta.Não aparecerá mais do que inofensiva no começo da ação,o professor se tornará mais e mais seguro de si,nervoso, agressivo, e dominador,até escarnecer à sua vontade da aluna,pobre coisa em suas mãos.Evidentemente a voz do professor deverá transformar-se de fina e delicada em mais e mais forte,e no fim será extremamente poderosa, retumbante, um clarin sonoro, enquanto a voz da aluna se fará quase inaudível, em vez de clara e bem timbrada como no início do drama.Nas primeiras cenas, talvez o professor gaguejará levemente.).

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PROFESSOR - Está bem, senhorita, desculpe. Obrigado. Mas não havia necessidade de apressar-se. não sei como me desculpe de a ter feito esperar... Terminava justamente... não é mesmo? de ...Desculpe-me... Você me desculpará...

ALUNA - Não é preciso, professor. Não há nisso nenhum mal, professor.

PROFESSOR - Teve muito trabalho para encontrar a casa?

ALUNA - Nenhum. Absolutamente nenhum. E depois eu perguntei. Todo o mundo o conhece aqui.

PROFESSOR - Há trinta anos que moro nesta cidade. Você não está aqui há muito tempo! Que acha dela?

ALUNA - Não me desagrada não. É uma bonita cidade, simpática, com um belo parque, um pensionato, um biço, lojas bonitas, ruas, avenidas...

PROFESSOR - É verdade, senhorita. Entretanto gostaria imensamente de viver em outra parte. Em Paris, ou ao menos em Bordéus.

ALUNA - Bosta de Bordéus?

PROFESSOR - Não sei. Não conheço.

ALUNA - Mas conhece Paris?

PROFESSOR - Tampouco, senhorita. Mas, se me dá licença, poderia dizer-me, Paris é a capital da... senhorita?

ALUNA - (Medita um momento, depois, feliz de saber) Paris é a capital da... França?

PROFESSOR - Sim, senhorita, bravos; mas está muito bem, perfeito. Meus cumprimentos. Você conhece a sua geografia nacional na ponta da língua, as suas capitais.

ALUNA - Oh! Ainda não conheço todas, professor, não é tão fácil assim, tenho dificuldade em aprendê-las.

PROFESSOR - Oh! isso vem com o tempo!... Coragem, senhorita... Desculpe-me... paciência... devagar, devagar... Vai ver, isso virá... Que dia bonito está fazendo hoje... ou, por outra, não tão bonito... Afinal não está muito ruim, é o principal... Eh... Eh... não chove, nem está nevando...

ALUNA - Isso seria surpreendente, pois estamos no verão.

PROFESSOR - Desculpe-me, senhorita, eu ia lhe dizer... mas você aprenderá que se pode esperar tudo no mundo.

ALUNA - Evidentemente, professor.

PROFESSOR - De nada podemos estar certos neste mundo, senhorita.

ALUNA - A neve cai no inverno. O inverno é uma das quatro estações. As três outras são... eh... a primavera...



PROFESSOR - Sim?

ALUNA - ...vera, e depois o verão... e... eh...

PROFESSOR - Começa como ouro, senhorita.

ALUNA - Ah, sim, o outono...

PROFESSOR - Isso mesmo, muito bem respondido, perfeito. Estou convencido de que será uma boa aluna. Há de fazer progressos. É inteligente, parece instruída, e tem boa memória.

ALUNA - Eu conheço as minhas estações, não é, professor?

PROFESSOR - Mas, sim, senhorita... ou quase. Mas isso virá ~~com o tempo~~. De qualquer maneira já está bem. Porém chegará a dizer ^(as suas) as suas estações até de olhos fechados. Como eu.

ALUNA - É difícil.

PROFESSOR - Oh, não. Basta um pequeno esforço de ^(boa) vontade, senhorita. Vá ver, isso virá, esteja segura.

ALUNA - ^(Oh,) Quereria muito que fôsse assim, professor. Tenho uma tal sede de ~~saber~~ instruir-me. Meus pais também desejam que eu aprofunde ^(os) meus conhecimentos. Querem que me especialize. Pensam que ^(simples) uma cultura geral, mesmo sólida, não é suficiente mais nos nossos tempos

PROFESSOR - Seus pais tem tãda razão, senhorita. Deve aperfeiçoar os seus estudos. Perdoo que lhe diga, mas é uma coisa necessária. A vida ~~tem~~ contemporânea tornou-se muito complexa.

ALUNA - É de tal maneira complicada... Meus pais são bastante ricos, tenho sorte. Poderão ajudar-me a continuar a fazer estudos muito superiores.

PROFESSOR - E deseja apresentar-se...

ALUNA - O mais cãdo possível, no primeiro concurso ^(da) doutorado. Daqui a três semanas.

PROFESSOR - E tem já o seu curso universitário, se me permite a pergunta?

ALUNA - Sim, senhor, tenho o meu bacharelado de ciências e de letras.

PROFESSOR - Oh, mas está muito adiantada, até adiantada demais para a sua idade. Em qual doutorado você quer passar? Ciências materiais ou filosofia normal?

ALUNA - Os meus pais querem muito, se o senhor achar que é possível em tão pouco tempo, que eu tenha o meu doutorado total.

PROFESSOR - O doutorado total?...Você tem muita coragem, senhorita, felicito-a sinceramente. Trataremos de trabalhar o melhor possível. Aliás você já sabe bastante com tão pouca idade!

ALUNA - Oh, professor.

PROFESSOR - Então, se me permite, desculpe, diria que é preciso por mãos à obra. Não temos tempo a perder.

ALUNA - É o que quero, professor. E mesmo ^(peço-lhe).

PROFESSOR - Então tenha a bondade de sentar-se...ali...se me permite, senhorita, e não vê inconveniente, permita que eu tome assento à sua frente.

ALUNA - Pois não, professor, lhe peço.

PROFESSOR - Muito obrigado, senhorita. (Sentam-se um em frente ao outro, à mesa, de perfil para a platéia.) Pronto. Tem aí seus livros, seus cadernos?

ALUNA (Tirando cadernos e livros da pasta) - Sim, professor. Certamente tenho aqui tudo o que é preciso.

PROFESSOR - Perfeito, senhorita, perfeito. Agora, se isto não a aborrece...podemos começar?

ALUNA - Mas sã, estou à sua disposição, professor.

PROFESSOR - À minha disposição?... (Perpassa-lhe um clarão pelos olhos que êle rapidamente apaga; um gesto que êle reprime). Oh, senhorita, sou eu que estou à sua disposição. Não sou mais que um seu criado.

ALUNA - Oh, professor...

PROFESSOR - Se você quer... então... nós... nós... eu... eu começarei fazendo um exame rápido dos seus conhecimentos passados e presentes afim de poder desobstruir o caminho futuro... Bom. Qual é a sua percepção da pluralidade?

ALUNA - Ela é bastante vaga... confusa.

PROFESSOR - Bom. Nós vamos ver isso. (Esfrega as mãos, entra, o que parece irritar o professor; dirige-se ao guarda-louça, procura qualquer coisa, demora.) Vejamos, senhorita, quer que estudemos um pouco de aritimética? Bem entendido, se ^{você} tem vontade...

ALUNA - Mas sim, professor, certamente, não peço outra coisa.

PROFESSOR - É uma ciência bastante nova, uma ciência moderna, para falar exatamente é mais um método que uma ciência... É também uma terapêutica. (Para a governanta.) Maria, você terminou?

GOVERNANTA - Sim, senhor, encontrei o prato. Vou embora.

PROFESSOR - Despache-se. Faça o favor de ir para a cozinha.

Governanta - Sim, senhor, vou para lá. (Falsa saída da governanta). Desculpe, senhor, mas preste atenção, eu lhe recomendo calma.

PROFESSOR - Convenhamos que você é ridícula, Maria. Não se inquiete.

GOVERNANTA - A gente sempre diz isso.

PROFESSOR - Não admito insinuações. Sei perfeitamente como me conduzir. Já estou bastante velho para sabê-lo.

GOVERNANTA - Justamente, senhor. Faria muito melhor não começando com a senhorita pela aritimética. A aritimética fatiga, enerva.

PROFESSOR :- Não na minha idade. Mas, afinal, porque você se intromete? É o meu trabalho, e o conheço bem. O seu lugar não é aqui.

GOVERNANTA - Está bem, senhor. Não poderá dizer que não o adverti.

PROFESSOR - Maria, não tenho o que fazer com os seus conselhos.

GOVERNANTA - Como o senhor queira. (Sai)

PROFESSOR - Desculpe-me, senhorita, por esta tãta interrupção...
Desculpe esta mulher... Ela sempre tem medo que me fatigue. Teme pela minha saúde.

ALUNA - Oh, está tudo desculpado, professor. É a prova de que ela lhe é devotada e o estima. Hoje em dia são raros os bons empregados.

PROFESSOR - Ela exagera. Seu medo é estúpido. Voltemos à aritmética.

ALUNA - Estou lhe seguindo, professor.

PROFESSOR (Espirituoso) - Mas continua sentada!

Aluna (Apreciando a piada) - Como o senhor, professor.

PROFESSOR - Bem. Então aritmetizemos um pouco.

ALUNA - Sim, professor, com muito prazer.

PROFESSOR - Não a aborreceria dizer-me...

ALUNA - Absolutamente, professor, continue.

PROFESSOR - Quanto faz um mais um?

ALUNA - Um mais um fazem dois.

PROFESSOR (Maravilhado pelo saber da aluna) - Oh, mas está muito bem. Você me parece muito adiantada nos estudos. A senhorita obterá facilmente seu doutorado total.

ALUNA - Estou muito contente. Principalmente porque é o senhor que o diz.

PROFESSOR - Avançemos mais ainda: quanto são dois e um?

ALUNA - Três.

PROFESSOR - Três e um?

ALUNA - Quatro.

PROFESSOR - Quatro e um?

ALUNA - Cinco.

PROFESSOR - Cinco e um?

ALUNA - Seis.

PROFESSOR - Seis e um?

ALUNA - Sete.

PROFESSOR - Sete e um?

ALUNA - Oito.

PROFESSOR - Sete e um?

ALUNA - Oito...bis.

PROFESSOR - Ótima resposta. Sete e um?

ALUNA - Oito terceiro.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PROFESSOR - Perfeito. Excelente. Sete e um?

ALUNA - Oito,quarto. E às vezes nove.

PROFESSOR - Magnífico. Você é esplêndida. Você é encantadora. Senhorita , felicito-a calorosamente, não vale a pena continuar. Na adição você é magistral. Vejamos a subtração. Diga-me apenas, se não estiver esgotada, quanto são quatro menos três?

ALUNA - Quatro menos três... Quatro menos três?

PROFESSOR - Sim, quero dizer; retire três de quatro.

ALUNA - Então é...sete?

PROFESSOR - Desculpe-me, mas sou forçado a contradizê-la. Quatro menos três não são sete. Você confundiu: quatro mais três são sete.Quatro menos três não são sete... Não se trata mais de somar, é preciso subtrair agora.

ALUNA (Se esforçando por compreender) - Sim...Sim...

PROFESSOR - Quatro menos três são... Quanto?...Quanto?..

ALUNA - Quatro?

PROFESSOR - Não, senhorita, não é isso.

ALUNA - Três, então?

PROFESSOR - Também não, senhorita... Perdoe-me , mas devo dizê-lo.... Não é isso...desculpe-me...

ALUNA - Quatro menos três... Quatro menos três... não será dez?

PROFESSOR - Oh, certamente que não, senhorita. Mas não se trata de adivinhar, é preciso raciocinar. Procuremos deduzir juntos. Você quer contar?

ALUNA - Sim, professor. Um...dois... eh...

PROFESSOR - Você sabe contar bem? Sabe contar até quanto?

ALUNA - Posso contar... até o infinito.

PROFESSOR - Isto não é possível, senhorita.

ALUNA - Digamos então até dezesseis.

PROFESSOR - Isto basta. É preciso saber limitar-se. Então conte, por favor.

ALUNA - Um... dois... e depois do dois vem o três... o quatro...

PROFESSOR - Pare, senhorita. Qual é o número maior? três ou quatro?

ALUNA - Ahn... três ou quatro? Qual é o maior? Se o maior é três ou quatro? Em qual sentido o maior?

PROFESSOR - Existem números menores e outros maiores. Nos números maiores há mais unidades que nos menores...

ALUNA - Que nos números menores?

PROFESSOR - A menos que os menores tenham as unidades menores. Se elas são bem pequenas pode acontecer que haja mais unidades nos números menores que nos maiores...quando se trata de outras unidades...

ALUNA # Neste caso os números menores podem ser maiores que os números maiores?

PROFESSOR - Deixemos isso, pois nos levaria longe demais. Saiba a



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-015

penas que não há somente números... há também as grandezas, as somas, os grupos, as pilhas, pilhas de coisas como as ameixas, ^{os raios,} os ganhos, os pepinos, etc. Suponhamos, apenas para facilitar o nosso trabalho, que todos os números que possuímos são iguais. Os maiores seriam aqueles que tivessem o maior número de unidades iguais.

ALUNA - Aquêles que tiver mais será o maior? Ah, compreendo, professor, o senhor identifica a qualidade e a quantidade.

PROFESSOR - Isso é muito teórico, senhorita, demasiado teórico. Você não tem que se preocupar com êsse problema... Tomemos o nosso exemplo e raciocinemos sobre o caso de que estamos tratando. Deixemos para mais tarde as conclusões gerais. Nós temos o número quatro e o número três, cada um com um número sempre igual de unidades; que número será maior, o número menor ou o número ~~maior~~ maior?

ALUNA - Perdoo-me, professor..... Que entende o senhor por número maior? É aquêles que é menos pequeno que o outro?

PROFESSOR - Isso mesmo, senhorita, perfeito. Você me compreendeu muito bem.

ALUNA - Então é o quatro.

PROFESSOR - O que é que êle é, o quatro? Maior ou menor que o três?

ALUNA - Menor... não, maior.

PROFESSOR - Excelente resposta. Quantas unidades você tem de três ao quatro? ou, se você prefere, do quatro ao três?

ALUNA - Não há unidades entre o três e o quatro, professor. O quatro vem logo depois do três. Não há absolutamente nada entre o três e o quatro!

PROFESSOR - Eu não me fiz entender. Sem dúvida a culpa é minha. Não fui bastante claro.

ALUNA - Não, professor, a culpa é minha.

PROFESSOR - Escute. Eis aqui três fósforos. E eis aqui, ^{mais um,} assim são quatro. Olhe bem, você tem quatro, eu tiro um, quantos ficam? (Os fósforos não se vêem, aliás não se vê nenhum objeto de que se fala; o professor levantou-se da mesa, escreve sobre um quadro inexistente com giz imaginário, etc.)

ALUNA - Cinco. Se três e um são quatro, quatro e um são cinco.

PROFESSOR - Não é isso, não é isso, absolutamente. Você tem sempre tendência para adicionar. Mas é preciso também subtrair. Não é possível somente integrar. É preciso também desintegrar. A vida é isso. A filosofia é isso. A ciência é isso, o progresso, a civilização são isso.

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Voltemos aos nossos fósforos. Então, tenho quatro fósforos, Você vê, são quatro realmente. Tiro um, não sobram mais que...

ALUNA - Não sei, professor.

PROFESSOR Vejamos, reflita; não é fácil, admito. Entretanto, você é bastante culta para poder fazer o esforço intelectual necessário e chegar a compreender. Então?

ALUNA - Não consigo. Não sei, professor.

PROFESSOR - Tomemos exemplos mais simples. Se você tivesse dois narizes, e eu lhe arrancasse um... quantos lhe sobriam?

ALUNA - Nenhum.

PROFESSOR - Como nenhum?

ALUNA - Sim, pois é justamente porque o senhor não me arrancou nenhum que tenho um agora. Se o senhor o tivesse arrancado, eu não o teria mais.

PROFESSOR - Você não compreendeu o meu exemplo. Suponha que tem apenas uma orelha.

ALUNA - Sim, e daí?

PROFESSOR - Eu lhe acrescento mais uma, quantas você terá?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Bem, eu lhe acrescento mais uma ainda uma. Quantas você terá?

ALUNA - Três orelhas.

Professor - Eu lhe tiro uma... Restam-lhe... quantas orelhas ficam?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Bem. Eu lhe tiro outra mais, quantas lhe restam?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Não. Você tem duas, eu lhe tiro uma, eu como uma, quantas ficam?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Eu como uma... uma.

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Uma.

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Uma!

ALUNA - Duas!

PROFESSOR - Uma!!

ALUNA - Duas!!!

PROFESSOR - Uma!!!

ALUNA - Duas!!!

PROFESSOR - Uma!!!

ALUNA - Duas!!!

PROFESSOR - Não. Não. Não é isso. O exemplo não é... não é convincente. Ouça.

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Você tem... você tem... você tem...

ALUNA - Dez dedos!



PROFESSOR - Como queira. Perfeito. Bom. Você tem dez dedos.

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Quantos você teria se tivesse cinco?

ALUNA - Dez, professor.

PROFESSOR - Não é isso.

ALUNA - ~~Sim~~ É, professor.

PROFESSOR - Eu lhe digo que não!

ALUNA - O senhor acaba de dizer-me que tenho dez...

PROFESSOR - Disse-lhe também, logo em seguida, que você tinha cinco!

ALUNA - Não tenho cinco, tenho dez

PROFESSOR - Procedamos de outro modo... Limitemo-nos aos números de um a cinco, para a subtração... Preste bem atenção, senhorita, vai ver. Vou fazê-la entender. (O professor põe-se a escrever num quadro negro imaginário. Aproxima-se da aluna que volta-se para olhá-lo.) Veja, senhorita. (Ele faz os gestos de quem desenha um bastão, em baixo escreve o número um; depois dois bastões, sob os quais ele faz o número dois; depois três, depois quatro bastões) Você vê...

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Eis aqui bastões, senhorita, bastões. Aqui está um bastão, ali são dois bastões, ali, três bastões., depois três bastões, depois quatro bastões, depois cinco bastões. Um bastão, dois bastões, isso são números. Quando contamos bastões, cada bastão é uma unidade, senhorita... O que foi que acabei de dizer?

ALUNA - Uma unidade, senhorita! O que foi que acabei de dizer?

PROFESSOR - Ou algarismos! Ou números! Um, dois, três, quatro, cinco são elementos da numeração, senhorita.

ALUNA (Hesitante) - Sim, professor. Elementos, algarismos, que são bastões, unidades e números...

PROFESSOR - Ao mesmo tempo... quer dizer que, em suma, toda a aritmética está aí.

ALUNA - Sim, professor. Bem, professor. Obrigada, professor.

PROFESSOR - Então conte, por favor, servindo-se desses elementos... some e subtraia.

ALUNA (Como para fixar a memória) - Os bastões são algarismos, números, unidades?

PROFESSOR - Hum... pode-se dizer. E então?

ALUNA - Pode-se subtrair duas unidades de três unidades, mas pode-se subtrair dois dois de três três? e dois algarismos de quatro números? e três números de uma unidade?

PROFESSOR - Não, senhorita.

ALUNA - Porque, professor?

PROFESSOR - Porque sim, senhorita.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ALUNA - Porque sim, como, professor? Visto que uns equivalem aos outros...

PROFESSOR - É assim mesmo, senhorita. Isso não se explica. Compreende-se isso por um raciocínio matemático interior.

A gente o tem, ou não o tem.

ALUNA - Tanto pior!

PROFESSOR - Escute, senhorita, se não chegar a compreender profundamente estes princípios, estes arquetipos aritméticos, não chegará nunca a fazer corretamente um trabalho de politécnica. Recânheço que não é tarefa fácil, é muito, muito abstrato... evidentemente... mas antes de ter aprofundado bem os primeiros elementos, como você poderia chegar a calcular mentalmente quanto são - e isso é o mínimo para um engenheiro médio - quanto são, por exemplo, três bilhões, setecentos e cinquenta e cinco milhões, novecentos e noventa e oito mil, duzentos e cinquenta e um, multiplicados por cinco bilhões, cento e sessenta e dois milhões, trezentos e três mil quinhentos e oito?

ALUNA (Rápida) - São dezenove quintilhões, trezentos e noventa quadrilhões, dois trilhões, oitocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e dezenove milhões, cento e sessenta e quatro mil, quinhentos e oito...

PROFESSOR (Espantado) - Não. Não penso assim. São dezenove quintilhões, trezentos e noventa quadrilhões, dois trilhões, oitocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e dezenove milhões, cento e sessenta e quatro mil, quinhentos e nove...

ALUNA - ...Não... quinhentos e oito...

PROFESSOR (Cada vez mais espantado, calculando mentalmente) - Sim...

Você tem razão... o produto é mesmo... (Murmura ininteligivelmente) quintilhões, quadrilhões, trilhões, bilhões, milhões... (Distintamente) cento e sessenta e quatro mil quinhentos e oito... (Estupefato) Mas como é que você sabe se desconhece os princípios do raciocínio aritmético?

ALUNA - É simples. Não podendo fiar-me no meu raciocínio, aprendi de cor todos os resultados possíveis, de todas as multiplicações possíveis.

PROFESSOR - É muito forte... Entretanto, permita-me que participe que isto não me satisfaz, senhorita, não a felicitarei: na matemática e especialmente na aritmética o que conta - porque na aritmética é preciso sempre contar - o que conta é sobretudo compreender... Era por um raciocínio matemático, indutivo e dedutivo ao mesmo tempo, que você deveria ter encontrado este resultado - e da mesma maneira, qualquer outro resultado. As matemáticas são as inimigas encarniçadas da memória, excelente aliás, mas nefasta

(A continuação da tradução é de: IGNACIO ANTONIO REIS)

aritméticamente falando!... Portanto, não estou contente... assim, não vai, de jeito nenhum...

ALUNA (triste) - Não, Senhor.

PROFESSOR - Deixemos isso por ora. Passemos a outro gênero de exercícios.

ALUNA - Sim, Senhor.

GOVERNANTA (entrando) - Hm, hm, Senhor...

PROFESSOR (que não a ouve) - É pena, Senhorita, que esteja tão pouco adiantada em matemáticas especiais...

GOVERNANTA (puxando-o pela manga) - Senhor! Senhor!

PROFESSOR - Recio que você não possa apresentar-se para o concurso do doutorado total...

ALUNA - Sim, Senhor, é pena!

PROFESSOR - Se ao menos você... (à Governanta) Mas, deixe-me em paz, Maria... Vejamos, em que é que você está se metendo? Para a cozinha! Para os seus pratos! Vá embora! Vá embora! (à Aluna) Procuraremos prepará-la para passar, pelo menos, no doutorado parcial...

GOVERNANTA - Senhor!... Senhor!... (Ela o puxa pela manga.)

PROFESSOR (à Governanta) - Mas deixe-me em paz, de uma vez! Deixe-me em paz! Que é que significa isso?... (à Aluna) Devo, pois, ensinar-lhe, se você faz mesmo questão de se apresentar para o doutorado parcial...

ALUNA - Sim, Senhor.

PROFESSOR - ... os elementos da lingüística e da filologia comparada...

GOVERNANTA - Não, Senhor, não!... Não deve fazê-lo...

PROFESSOR - Maria, você está exagerando!

GOVERNANTA - Senhor, nada de filologia, a filologia leva ao pior...

ALUNA (espantada) - Ao pior? (Sorrindo, um pouco tola) Histórias!

PROFESSOR (à Governanta) - Já é demais! Saia!

GOVERNANTA - Bem, meu Senhor, está bem. Mas não me diga que não lhe avisei. A filologia leva ao pior!

PROFESSOR - Seu maior, Maria!

GOVERNANTA - Sim, Senhor.

GOVERNANTA - Como quiser. (Ela sai)

PROFESSOR - Continuemos, Senhorita.

ALUNA - Sim, Senhor.

PROFESSOR - Vou lhe pedir que escute com a maior atenção ~~minha~~ minha aula, tôda preparada...

ALUNA - Sim, Senhor!

PROFESSOR - ...Graças à qual, em quinze minutos, você poderá adquirir os princípios fundamentais da filologia lingüística e comparada das línguas neo-espanholas.

ALUNA - Sim, Senhor, oh! (Ela bate nas suas mãos)



PROFESSOR (com autoridade) - Silêncio! que significa isso ?

ALUNA - Desculpe, Senhor (Lentamente, ela repõe as mãos sobre a mesa.)

PROFESSOR - Silêncio! (Ele se levanta, passeia no quarto, com as mãos atrás das costas; de vez em quando, pára, no meio da peça ou perto da Aluna, e reforça suas palavras com um gesto da mão; ele perora, sem acentuar demais; a Aluna acompanha-o com o olhar e, às vezes, tem dificuldade a acompanhá-lo, pois ela precisa virar muito a cabeça; uma ou duas vezes, não mais, ela se vira completamente.) Portanto, Senhorita o espanhol é a língua mãe da qual nasceram tôdas as línguas neo-espanholas, entre as quais o espanhol, o latim, o italiano, nosso francês, o português, o rumeno, o sardo ou sardanapalo, o espanhol e o neo-espanhol - e também, por alguns dos seus aspectos, o turco, este mais próximo, contudo, do grego, o que é inteiramente lógico, visto que a Turquia é vizinha da Grécia e que a Grécia está mais perto da Turquia do que você de mim: isto é uma ilustração a mais de uma lei lingüística muito importante, segundo a qual: geografia e filologia são línguas gêmeas... Você pode tomar notas, Senhorita.

ALUNA (com voz apagada) - Sim, Senhor!

PROFESSOR - O que distingue as línguas neo-espanholas entre si e seus idiomas dos outros grupos lingüísticos, tais como o grupo das línguas austríacas e neo-austríacas ou habsbúrgicas, bem como dos grupos esperantista, helvético, monegasco, suíço, andorrino, basco, e ainda dos grupos das línguas diplomática e técnica - o que as distingue, repito, é a sua impressionante semelhança, que faz com que seja difícil distingui-las uma da outra - fale das línguas neo-espanholas entre si, que se podem distinguir, entretanto, graças aos seus caracteres distintivos, provas absolutamente indiscutíveis da extraordinária semelhança, que torna indiscutível sua origem comum, e que, ao mesmo tempo, as diferencia profundamente - pela manutenção dos traços distintivos de que acabo de falar.

ALUNA - Oooh! Sim, Senhor!

PROFESSOR - Mas não nos detemos nas generalidades...

ALUNA (lamentando, encantada) - Oh, Senhor...

PROFESSOR - Isso parece interessá-la. Ótimo, ótimo.

ALUNA - Oh, sim, Senhor...

PROFESSOR - Não se preocupe, Senhorita. Voltaremos a falar disso mais tarde... a menos que não seja nunca mais. Quem poderia sabê-lo ?

ALUNA (encantada, apesar de tudo) - Oh, sim, Senhor.

PROFESSOR - Tôda língua, Senhorita, saiba isso, lembre-se disso até à hora da sua morte...

ALUNA - Oh! sim, Senhor, até à hora da minha morte... Sim, Senhor...



PROFESSOR - ... o isso é também um princípio fundamental, toda língua não é, em si, mais do que uma linguagem, o que implica necessariamente em que ela se componha de sons, ou...

ALUNA - Fonemas...

PROFESSOR - Eu ia dizê-lo. Não faça demonstrações de seu saber, ora. Antes, escute.

ALUNA - Está bom, Senhor. Sim, Senhor.

PROFESSOR - Os sons, Senhorita, devem ser captados no vôo pelas asas parvas que não caem nas orelhas dos surdos. Por conseguinte, quando você se decide a articular, recomenda-se, na medida do possível, que levante bem alto o pescoço e o queixo, que se eleve sobre a ponta dos pés, veja, assim...

ALUNA - Sim, Senhor.

PROFESSOR - Cale-se. Fique nasentada, não in... E que emita os sons bem alto e com toda a força de seus pulmões, associada à de suas cordas vocais. Assim, veja: "Borboleta", "Euréka", "Trafalgar", "papi, papa". Desta maneira, os sons cheios de um ar quente mais leve que o ar ambiente, esvoaçarão, esvoaçarão sem mais perigo de cair nas orelhas dos surdos que são os verdadeiros servedouros, os túmulos das sonoridades. Se você emitir diversos sons a uma velocidade acelerada, estes se agarrarão uns aos outros automaticamente, constituindo assim sílabas, palavras, mesmo frases, isto é, agrupamentos mais ou menos importantes, remiões puramente irracionais de sons, desprovidos de qualquer sentido, mas justamente por isso capazes de se manter sem perigo a uma altitude elevada, nos ares. Abaixo caem as palavras carregadas de significação, tornadas pesadas pelo seu sentido, as quais ~~taxa~~ ~~minha~~ acabam sempre por succumbir, por desmoronar...

ALUNA - ... nas orelhas dos surdos.

PROFESSOR - Isso mesmo, mas não interrompa... e na pior confusão... Os acabam por estourar como balões. Portanto, Senhorita...

(A Aluna de repente parece sofrer.) que é que você tem?

ALUNA - Estou com dor de dentes, Senhor.

PROFESSOR - Não tem importância. Não vamos parar por tão pouca coisa. Continuemos...

ALUNA (que dá a impressão de sofrer cada vez mais) - Sim, Senhor.

PROFESSOR - De passagem, chamo a sua atenção sobre as consoantes que mudam de natureza nas ligações. Os f transformam-se neste caso em v, os d em b, os g em k e vice-versa, como nos exemplos que lhe assinalo: "três horas, as crianças, o frango ao vinho, a idade nova, eis a noite".

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos.

ALUNA - Sim.



quase não são perceptíveis para as pessoas não preparadas. Assim sendo, todas as palavras de todas estas línguas...

ALUNA - Ah sim?... Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos... são sempre as mesmas, bem como todas as designações, todos os prefixos, todos os sufixos, todas as raízes

ALUNA - As raízes das palavras são quadradas?

PROFESSOR - Quadradas ou cúbicas. Conformes.

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos. Assim, para lhe dar um exemplo que é apenas uma ilustração, tome a palavra frente...

ALUNA - Tomá-la com que?

PROFESSOR - Com o que quiser, contanto que a tome... favor, não interrompa.

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos... eu disse: "Continuemos", portanto, a palavra francesa frente. Já - tomou?

ALUNA - Sim, sim. Não. Nada de dentes, si, meus dentes...

PROFESSOR - A palavra frente é raiz em frontispício. Também na palavra afronta. "ispício" é sufixo, e "af" prefixo. Chamam-se assim porque não mudam. Não querem mudar.

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos, depressa. Estes prefixos são de origem espanhola, capere que você o tenha percebido, não é?

ALUNA - Ah! que dor de dentes!

PROFESSOR - Continuemos. Você pôde igualmente notar que eles não mudaram em francês. Pois bem, senhorita, nada também consegue fazê-los mudar, nem em latim, nem em italiano, nem em português, nem em sardapalo ou em serdanapali, nem em rumeno, nem em neo-espanhol, nem em espanhol, nem mesmo em oriental; frente, frontispício, afronta, sempre a mesma palavra, invariavelmente com a mesma raiz, mesmo sufixo, mesmo prefixo, em todas as línguas enumeradas. E é sempre assim com todas as palavras.

ALUNA - Em todas as línguas, estas palavras querem dizer a mesma coisa? Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Absolutamente. Aliás, é antes uma noção que uma palavra.

De qualquer maneira, você tem sempre a mesma significação, a mesma composição, a mesma estrutura sonora não abente para esta palavra, mas para todas as palavras concebíveis, em todas as línguas. Pois uma mesma noção se exprime por uma só e mesma palavra, e seus sinônimos, em todos os países. Deixe de lado os seus dentes.

ALUNA - Estou com dor de dentes. Sim, sim e sim.

PROFESSOR - Bem, continuemos. Estou lhe dizendo; continuemos. Como é que, você diz, por exemplo, em francês: as rosas do minha avó são tão amarelas quanto meu avô que era asiático?



ALUNA - Estou com dor, dor, dor de dentes.

PROFESSOR - Continuemos, continuemos, diga assim mesmo.

ALUNA - Em francês ?

PROFESSOR - Em francês.

ALUNA - Ihm... dizer em francês: as rosas de minha avó são... ?

PROFESSOR - Tão amarelas quanto meu avô que era Asiático...

ALUNA - Pois bem, diz-se, em francês, creio eu: as rosas... de minha ...
como é que se diz avó, em francês ?

PROFESSOR - Em francês ? Avó.

ALUNA - As rosas de minha avó são tão ... amarelas, em francês, se
diz "amarelas" ?

PROFESSOR - Sim, claro!

ALUNA - São tão amarelas quanto meu avô quando se encolerizava.

PROFESSOR - Não... que era A...

ALUNA - ...asiático... Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Isso mesmo.

ALUNA - Estou com dor...

PROFESSOR - De dentes... Azar... Continuemos! Agora, traduza amesma
frase em espanhol, depois em neo-espanhol...

ALUNA - Em espanhol, será: as rosas de minha avó são tão amarelas quanto
meu avô que era Asiático.

PROFESSOR - Não, Está errado.

ALUNA - E em neo-espanhol: as rosas de minha avó são tão amarelas quanto
meu avô que era asiático.

PROFESSOR - Está errado. Errado. Errado. Você fez o inverso, você tomou
o espanhol por neo-espanhol, e o neo-espanhol por espanhol...
Não... é o contrário...

ALUNA - Estou com dor de dentes. Você está se confundindo.

PROFESSOR - É você que se confunde. Preste atenção e tome nota. Vou dizer-
lhe a frase em espanhol, depois em neo-espanhol e, enfim, em
latim. Você repetirá depois. Atenção, pois as semelhanças são grandes.
São semelhanças idênticas. Escute, acompanhe bem...

ALUNA - Estou com dor...

PROFESSOR - ... de dentes.

ALUNA - Continuemos... Ah!...

PROFESSOR - ... em espanhol: as rosas de minha avó são tão amarelas
quanto meu avô que era Asiático: em latim: as rosas de minha
avó são tão amarelas quanto meu avô que era Asiático. Está
percebendo as diferenças ? Traduza isso em... rumeno.

ALUNA - As... como é que se diz rosas, em rumeno ?

PROFESSOR - "Rosas", ora.

ALUNA - Não é "rosas"? Ah! que dor de dentes...



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PROFESSOR - Mas não, claro que não, porque "rosas" é a tradução em oriental da palavra francesa "rosas", em espanhol "rosas", compreende? Da sardalpala "rosas"...

ALUNA - Desculpe, Senhor, mas... Ah, que dor de dentes... não entendo a diferença.

PROFESSOR - Naturalmente, é bem simples. Bem simples! Contanto que tenha uma certa experiência, uma experiência técnica e prática destas línguas diversas, tão diversas apesar de só apresentarem caracteres completamente idênticos. Vou procurar dar-lhe uma chave...

ALUNA - por de dentes...

PROFESSOR - É que a diferença estas línguas, não são nem as palavras, que são absolutamente as mesmas, nem a estrutura da frase que é sempre igual, nem a entonação, que não apresenta diferenças, nem o ritmo da linguagem... é que as diferencia... você está me ouvindo?

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Está me ouvindo, senhorita? Ah! vamos nos incomodar...

ALUNA - Você me ameaça, Senhor. Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Coramba! sacute!

ALUNA - Pois bem... sim... sim... não...

PROFESSOR - É que as diferenças umas das outras, por um lado, e da espanhola, com um g nado, sua mãe, por outro lado... é...

ALUNA (fazendo careta) - É o que?

PROFESSOR - É uma coisa inefável. Uma coisa inefável que só se pode perceber ao cabo de muito tempo, com muito trabalho e após uma experiência muito longa...

ALUNA - ah?

PROFESSOR - sim, senhorita. Não posso dar-lhe nenhuma regra. É preciso ter tato, e só. Mas, para ter tato, é preciso estudar, estudar, e ainda estudar.

ALUNA - dor de dentes.

PROFESSOR - Há contudo alguns casos precisos em que as palavras, de uma língua para outra, são diferentes... mas não podemos fundar nesse saber sobre isso, pois estes casos são, por assim dizer, excepcionais.

ALUNA - ah, sim?... oh, Senhor, estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Não interrompa. Não se deixe magoad. Não responderia mais por ela. Como estava dizendo... Ah, sim, os casos excepcionais, ditos de distinção fácil... ou de distinção simples... ou cômoda... se preferir... venha: se você preferir, pois constato que você não me ouve mais...

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Digo pois: em certas expressões, de uso corrente, certas palavras diferem totalmente de uma língua para outra, de maneira que a língua empregada, neste caso, é bem mais fácil de identificar. Dou-lhe um exemplo: a expressão neo-espanhola célebre em Madrid:



"minha pátria é a neo-espanha", dita em italiano: "minha pátria é...

ALUNA - ... a neo-espanha."

PROFESSOR - Não, "minha pátria é a Itália." Diga agora, por simples tradução, como você diz Itália, em francês ?

ALUNA - Estou com dor de dentes!

PROFESSOR - Mas é muito simples: para a palavra Itália, como em francês a palavra França que é a tradução exata. Minha pátria é a França, a França, em português: Oriente! Minha pátria é o Oriente. E Oriente em português: Portugal! A expressão oriental: minha pátria é o Oriente no francês, país, assim em português: minha pátria é Portugal! E assim por diante...

ALUNA - Está bom, está bom. Estou com dor...

PROFESSOR - De dentes! Dentes! Dentes! ... Vou lhe arrancá-los. Mais outro exemplo: a palavra capital, a capital reveste, conforme a língua que se fala, um sentido diferente, por dizer que, se um Espanhol diz: Furo no capital, a palavra capital não significará de jeito nenhum a mesma coisa que aqui que pensa um Português, quando ele também diz: furo no capital. Com mais razão, em francês, um neo-Espanhol, um francês, um latim, um Sardinapeli... quando você ouvir dizer, Senhora, senhorita, estou falando para você! Carnabe! Quando você ouvir a expressão: furo no capital, você saberá imediatamente e imediatamente se é espanhol ou sardinapeli, neo-espanhol, francês, oriental, rumeno, latim, pois basta descobrir qual é a metrópole em que está pensando aquela sua pronúncia e frase... de exatamente em que a pronúncia... Mas, não faça publicamente os outros exemplos precisos que posso lhe dar...

ALUNA - Si, aqui! Não dentes...

PROFESSOR - Si/Señal! Ou lhe quebra o crânio.

ALUNA - Fante pois! "Grandes!" (O Professor pega-lhe o cabelo; torce-o.)
!!!

PROFESSOR - Então fique quieta! Nem uma palavra!

ALUNA (suspirando) - Dor de dentes...

PROFESSOR - A coisa mais... como vou dizer?... mais paradoxal... sim...
é a palavra... a coisa mais paradoxal, é que um monte de pessoas que não tem a mínima noção de falar estas línguas diferentes... estão falando? É que é que eu disse?

ALUNA - ...falam estas línguas diferentes, é que é que eu disse!

PROFESSOR - Você teve sorte!... Pessoas do povo falam o espanhol, recheado de palavras neo-espanholas que eles não distinguem, pensando falar latim... ou ainda, falam o latim, recheado de palavras orientais, pensando falar o rumeno... ou o espanhol, recheado de neo-espanhol, pensando falar o sardinapeli, ou o espanhol... Compreende?



ALUNA - Sim! sim! sim! sim! que mais quer... ?

PROFESSOR - Não seja insolente, querida, senão, cuidado... (Encolerizado.) Mas o máximo, Senhorita, é que certas pessoas, por exemplo, num latim que elas supõem ser espanhol, dizem: "Estou sofrendo dos dois fígados ao mesmo tempo", dirigindo-se a um francês que não entende uma palavra de espanhol; mas, este o compreende tão bem como se fôsse sua própria língua. Aliás, ele pensa que é sua própria língua. E o francês responderá, em francês: "Eu também, Senhor, estou sofrendo dos fígados", e será perfeitamente compreendido pelo espanhol, o qual terá a certeza que lhe responderam em puro espanhol, e que estão falando espanhol... quando na realidade não se trata nem do espanhol nem do francês, mas do latim à neo-espanhola... Pôre quieta, Senhorita, não mexa as pernas, não bata mais com os pés...

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR - Como é que, falando sem saber que língua falam, e até pensando falar cada um uma outra língua, como é que as pessoas do povo apesar disso se entendem?

ALUNA - É o que me pergunto.

PROFESSOR - É simplesmente uma das curiosidades inexplicáveis do empirismo grosseiro do povo - não confundir com a experiência! - um paradoxo, um absurdo, uma das extravagâncias da natureza humana, é simplesmente o instinto, para resumir numa palavra, é esse que entra em jogo, aqui.

ALUNA - He! Ha!

PROFESSOR - Em vez de ficar olhando as moscas voarem, enquanto eu me estou dando todo esse trabalho... seria melhor que você procurasse ser mais atenta... não sou eu quem vai apresentar-se ao concurso do doutorado parcial... eu já o fiz há muito tempo... mesmo o doutorado total... e meu diploma supra-total... Você então não compreende que quero o seu bem ?

ALUNA - Dore de dentes!

PROFESSOR - Mal educada... Não pode continuar assim, assim não pode, assim não pode...

ALUNA - Eu... o... escuto...

PROFESSOR - Ah! Para aprender a distinguir tôdas estas diferentes línguas, já lhe disse que não há nada melhor do que a prática... Vamos com ordem. Vou procurar ensinar-lhe tôdas as traduções da palavra boca.

ALUNA - Como quiser... Afinal de contas...

PROFESSOR (chamando a Governanta) - Maria! Maria! Ela não aparece...
Maria! Maria! ... Vamos, Maria. (Ele abre a porta, à direita.)
Maria! (Ele sai. A Aluna fica sózinha por alguns instantes, com o olhar vazio, a expressão apatetada.)

PROFESSOR (com a voz gritante, fora) - Maria! Que é que significa isso ?

Porque é que você não vem ? Quando peço para vir, deve vir!

(Ele entra, Maria atrás dele.) Sou eu quem manda, está ouvindo ? (Mostrando para a Aluna) Ela não entende nada, essa aí. Ela não entende!

GOVERNANTA - Não fique neste estado, Senhor, tome cuidado com o final.

Isso o levará longe, tudo isso o levará longe.

PROFESSOR - Saberei parar a tempo.

GOVERNANTA - É o que a gente sempre diz. Quero só ver.

ALUNA - Estou com dor de dentes.

GOVERNANTA - Está vendo, já começa, este é o sintoma.

PROFESSOR - Que sintoma ? Explique-se, que é que quer dizer ?

ALUNA (com voz moio) - Sim, que é que quer dizer? Estou com dor de dentes.

GOVERNANTA - O sintoma final! O grande sintoma!

PROFESSOR - Hesteira! Hesteira! Hesteira! (A Governanta quer sair.) Não vá embora assim. Chame-a para me buscar as facas espanhola, nec-espanhola, portuguesa, francesa, oriental, rumena, sardanapali, latina e espanhoã.

GOVERNANTA (severa) - Não conte comigo. (Ela sai.)

PROFESSOR (faz um gesto, quer protestar, domina-se, um tanto desapontado.

De repente, lembrand-se;) Ah! (Vai depressa para gaveta, onde descobre uma grande faca invisível, ou real, conforme o gosto do metteur-en-scène, pega-a, brande-a alegremente.) Eis, Senhorita, eis uma faca. Pena que só esta; mas daremos um jeito de servir-nos dela para todas as línguas! Bastará que você pronuncie a palavra faca em todas as línguas, olhando o objeto, de bem perto, fixamente, e imaginando que ela é da língua em que está falando.

ALUNA - Estou com dor de dentes.

PROFESSOR (quase cantando, melopéia) - Agora, diga: fa, como fa, ca como ca... E olhe, olhe, fixe bem...

ALUNA - E isso é o que ? Francês ? Italiano ? Espanhol ?

PROFESSOR - Isso não interessa mais... Isso não lhe interessa. Diga: fa.

ALUNA - fa.

PROFESSOR - ...ca... Olhe. (Ele brande a faca à vista da Aluna.)

ALUNA - ca.

PROFESSOR - De novo... Olhe.

ALUNA - Ah, não! Que coisa! Chega! E depois, estou com dor de dentes, dor nos pés, dor de cabeça...

PROFESSOR (acentuando) - Faca... olhe... faca... olhe... faca... olhe...

ALUNA - Você me machuca as orelhas, assim. Você tem uma voz! Oh, como é estridente!

PROFESSOR - Diga: faca... fa... ca...

ALUNA - Não! Estou com dor nas orelhas, estou com dor em todo o corpo...

PROFESSOR - Eu vou lhe arrancá-las, suas orelhas, assim elas não lhe doerão mais, queridinha!



ALUNA - Ah... É você que está me machucando...

PROFESSOR - Olhe, vamos, depressa, repita: fa...

ALUNA - Ah, já que faz questão... fa... faca... (Por um instante, lúcida, irônica.) Isso é neo-espanhol...

PROFESSOR - Se quiser, sim, neo-espanhol, mas depressa... não temos tempo... E depois, porque esta pergunta insidiosa? Que é que você se permite fazer?

ALUNA (deve estar cada vez mais cansada, chorando, desesperada, ao mesmo tempo extasiada e exasperada) - Ah!

PROFESSOR - Olhe, olhe. (Ele faz como o cuco.) Faca... faca... faca... faca...

ALUNA - Ah, está doendo... minha cabeça... (Ela toca de leve, com a mão, como para acariciar, as partes do corpo que nomeia) meus olhos...

PROFESSOR (como o cuco) - Faca... faca...

(Os dois estão de pé; Ele, brandindo sempre sua faca invisível, quase fora de si, anda em torno dela, numa espécie de dança, mas não se deve exagerar, e os passos de dança do professor devem só ser esboçados; a Aluna, de pé, face ao público, dirige-se, recuando, em direção da janela, doentia, lânguida, enfeitiçada...)

PROFESSOR - Repita, repita: faca... faca... faca...

ALUNA - Estou com dor... na garganta, fa... ah... meus ombros... meus seios... faca...

PROFESSOR - faca... faca... faca...

ALUNA - Meus quadris... faca... pernas... fa...

PROFESSOR - Pronuncie bem... faca... faca...

ALUNA - Faca... minha garganta...

PROFESSOR - Faca... faca...

ALUNA - Faca... meus ombros... meus braços, meus seios, meus quadris... faca... faca...

PROFESSOR - Isso mesmo... Você está pronunciando bem, agora...

ALUNA - Faca... meus seios... minha barriga...

PROFESSOR (mudando de voz) - Atenção... não quebre as vidraças... a faca mata...

ALUNA (com voz apagada) - Sim, sim... a faca mata?

PROFESSOR (mata a Aluna com uma forte facada bem espetacular). Ah! Toma!
(Ela grita também: "Aaah!" depois cai, escorregando numa atitude impudica sobre uma cadeira que, como por acaso, se encontrava perto da janela; eles gritam: "Aaah!" ao mesmo tempo, assassino e vítima; depois da primeira facada, a Aluna se largou sobre a cadeira, suas pernas, muito abertas, pendem dos dois lados da cadeira; o Professor



continua de pé, diante dela, com as costas para o público; depois da primeira facada, atinge a Aluna mortalmente com uma segunda facada, de baixo para cima, após o que o Professor tem um sobressalto bem visível, em todo o corpo.)

PROFESSOR (sem fôlego, resmunga) - Sem-vergonha... Bem feito... Isso me faz bem... Ah! Ah! estou cansado... quase não posso respirar...

Aaah! (Ele respira com dificuldade; cai. Felizmente há uma cadeira; enxuga a fronte, resmunga palavras incompreensíveis; sua respiração normaliza-se... Ele se levanta, olha a faca em sua mão, olha a moça, depois, como despertando.)

PROFESSOR (em pânico) - O que é que eu fiz! O que é que vai me acontecer agora! O que é que vai acontecer! Ai! ai! ai! que desgraça! Senhorita, Senhorita, levante-se! (Agita-se, segurando sempre a faca invisível, sem saber o que fazer com ela.) Vamos, Senhorita, a lição terminou... Pode ir embora... pode pagar noutra ocasião... Ah! está morta... mo-orta... Foi com minha faca... Ela está mo-orta... É terrível. (Chama a Governanta.) Maria! maria! Minha cara Maria, venha duma vez! Ah! Ah! (A porta à direita se entreabre. Aparece Maria.) Não... não venha... Enganei-me... Não preciso de você, Maria... não preciso mais de você... entende?...

(Maria aproxima-se severa, sem dizer uma palavra, vê o cadáver.)

PROFESSOR (com voz cada vez mais insegura) - Não preciso de você, Maria..

GOVERNANTA (sarcastica) - Então, está contente com sua aluna, ela aproveitou bem sua lição?

PROFESSOR (escondendo a faca atrás das costas) - Sim, a lição acabou... mas... ela... ela ainda está aí... ela não quer ir embora...

GOVERNANTA (com muita dureza) - É mesmo!...

PROFESSOR (tremendo) - Não fui eu... Não fui eu... Maria... Não... Garanto-lhe... que não fui eu, Mariazinha...

GOVERNANTA - Quem foi então? Quem foi então, ora? Eu?

PROFESSOR - Não sei... talvez...

GOVERNANTA - Ou o gato?

PROFESSOR - É possível... Não sei...

GOVERNANTA - É a quadragésima vez, hoje. E todos os dias é a mesma história! Todos os dias! Não tem vergonha, na sua idade... mas você vai ficar doente! Não lhe sobrá nenhuma aluno. Bem feito!

PROFESSOR (irritado) - Não tenho culpa! Ela não queria aprender. Era desobediente! Era uma má aluna! Não queria aprender!

GOVERNANTA - Mentiroso!...

PROFESSOR (aproximando-se disfarçadamente da Governanta, com a faca atrás das costas.) - Você não tem nada com isso! (Ele tenta dar-lhe uma formidável facada; a Governanta agarra-o pelo pulso, e o torce; o Professor deixa cair sua arma)... Perdão!



GOVERNANTA (dá dois tapas, com ruído e força, ao Professor, o qual cai no chão, sobre o trazeiro; êle choraminga) - Assassino! Sem-vergonha! Nojento! Queria fazer-se isso também, a mim? Não sou nenhuma de suas alunas, eu! (Ela o ergue pelo colarinho, ajusta o lenço e o põe sobre sua cabeça; êle tem medo de apontar mais e se defende com o estovelo, como as crianças.) Guardo esta faca no meu lugar, vamos! (O Professor vai guardá-la na gaveta da cômoda, depois volta.) É bem que eu lhe tinha avisado, ainda há pouco: a aritmética leva à filologia, e a filologia leva ao crime...

PROFESSOR - Você tinha dito: "no pier"!

GOVERNANTA - É a mesma coisa.

PROFESSOR - Eu fiquei encendido assim. Pensava que "Pier" era uma cidade e que você queria dizer que a filologia levava à cidade de "Pier"...

GOVERNANTA - Mentiroso! Velha raposa! Um sábio como você não se engana sobre o sentido das palavras. Lá não sabe nem

PROFESSOR (soluçando) - Não a metei de propósito.

GOVERNANTA - Ao menos, você lesteira?

PROFESSOR - Oh, sim, Maria, jure!

GOVERNANTA - Você se dá até pena! Ah! você é uma boa pessoa, assim mesmo! Vamos procurar dar um jeito nisso. Mas não diga isso mais... Isso pode lhe dar uma doença de coração...

PROFESSOR - Sim, Maria! que é que se vai fazer, então?

GOVERNANTA - Vamos enterrá-la... juntamente com as outras trinta e nove... o que vai dar quarenta caixões... Vamos chamar o serviço funerário e seu nomeado, o padre Augusto... Vamos encomendar cores...

PROFESSOR - Sim, Maria, muito obrigado.

GOVERNANTA - Espere. Não vale a pena chamar Augusto, porque você mesmo é padre em certas ocasiões, pelo que se diz por aí.

PROFESSOR - Mas, por favor, não corra demais, as cores. Ele não pagou sua lição.

GOVERNANTA - Não se preocupe... Cubra-a pelo menos com seu avental, ela está indecente. Depois, vamos levá-la embora...

PROFESSOR - Sim, Maria, sim. (Êle a cobre.) É perigoso sermos presos... com quarenta caixões... Já pensou?... As pessoas vão ficar espantadas... se nos perguntarem o que há dentro?

GOVERNANTA - Não fique se preocupando tanto. Diremos que estão vazios. Aliás, não perguntarão nada, estão acostumados.

PROFESSOR - De qualquer jeito...



GOVERNANTA - Tome, se tem sede, beba isso, não precisará beber mais nada. (Ela lhe oferece o braço.)

PROFESSOR - Obrigado, Mariuzinha; assim, estou tranquilo. Você é uma ótima menina, Maria,... muito dedicada...

GOVERNANTA - Basta, Vamos, Senhor. Pronto ?

PROFESSOR - Sim, Mariuzinha. (A Governanta e o Professor pegam o corpo da moça, um pelos ombros, o outro pelas pernas, e dirigem-se para a porta da direita.) Cuidado. Não a machuque.

(Saem. Valec vazio, durante alguns instantes. Ouve-se tocar a campainha da porta da esquerda.)

GOVERNANTA - Sim, já vou. (Ela aparece, bem como no início, dirige-se para a porta, segundo toque da campainha.)

GOVERNANTA (à parte) - Esta aí está bem apressada. (Alto.) Paciência! (Vai para a porta da esquerda, abre-a.) Bom dia, Senhorita! É a nova aluna ? Vão para a lição ? O Professor está à sua espera. Vou anunciar-lhe a sua chegada. Ele já vai descer. Entre, entre, Senhorita!

Junho de 1950

(Cai o pano)



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025